


A ruptura com a categoria de totalidade e suas principais implicações para a pesquisa em educação


Magda Gisela Cruz dos Santos
Paulo Eduardo Dias Taddei
Vanessa Golçalves Dias


Resumo

Ao buscar superar os limites das perspectivas marxista e estruturalista a denominada “agenda pós-moderna”, assentada em um relativismo ontológico e em um pragmatismo epistemológico, tem influenciado as pesquisas em educação a aderirem a um ceticismo ou relativismo teórico-metodológico que consideramos preocupante para o campo do conhecimento científico. A ruptura com a categoria de totalidade é um dos aspectos comuns entre as diferentes abordagens da agenda pós-moderna, o qual analisamos no artigo. Com base em uma pesquisa de cunho bibliográfico e nos resultados de estudos realizados pelo nosso grupo de pesquisa, analisamos as principais implicações dessa opção epistemológica para o conhecimento científico e para o campo das lutas sociais. Como resultado do estudo enfatizamos o sentido que a categoria de totalidade assume no materialismo histórico dialético e sua importância na construção do conhecimento que supere a perspectiva instrumental e utilitarista de ciência.

Palavras-chave: Totalidade. Agenda Pós-moderna. Materialismo Histórico Dialético.

Magda Gisela Cruz dos Santos
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
E-mail: magdacs81@yahoo.com.br
 <https://orcid.org/0000-0001-8971-9609>

Paulo Eduardo Dias Taddei
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
E-mail: paulopiratini@bol.com.br
 <https://orcid.org/0000-0001-6838-7801>

Vanessa Golçalves Dias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS
E-mail: paulotumolo57@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-9362-5530>

Recebido em: 27/06/2019
Aprovado em: 25/05/2020



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e65924>

Abstract

The rupture with the category of totality and its main implications to the research in education

Keywords:

Historical
Totality. Post-
modern Agenda.
Dialectical and
Materialism

In the quest to overcome the Marxist and structuralist the so-called 'post-modern agenda', based on ontological relativism and on pragmatism epistemological. It has influenced the research in education to adhere to skepticism or a theoretical-methodological relativism that is concerning to the field of scientific knowledge. The rupture with the category of totality is one of the common aspects between the different approaches of the post-modern agenda, which is analyzed in this article. Based on bibliographic research and in the results of studies conducted by our research group, the main implications of this epistemological option to the scientific knowledge and to the field of social struggles. As a result, we focused on the meaning of the category of totality assumes in the dialectical and historical materialism and its importance in the construction of knowledge that surpasses the instrumental and utilitarian perspective of science.

Resumen

La ruptura con la categoría de totalidad y sus principales implicaciones para la investigación en educación

Palabras clave:

Totalidad.
Agenda
posmoderna.
Materialismo
histórico-
dialéctico.

Al buscar superar los límites de las perspectivas marxista y estructuralista, la denominada 'agenda posmoderna', asentada en un relativismo ontológico y en un pragmatismo epistemológico, ha influenciado las investigaciones en educación a que adhirieran a un escepticismo o relativismo teórico-metodológico que consideramos preocupante para el campo del conocimiento científico. La ruptura con la categoría de totalidad es uno de los aspectos comunes entre los distintos abordajes de la agenda posmoderna, pues es lo que analizamos en el artículo. Con base en una investigación de carácter bibliográfico y en los resultados de estudios realizados por nuestro grupo de investigación, analizamos las principales implicaciones de esa opción epistemológica para el conocimiento científico y para el campo de las luchas sociales. Como resultado del estudio, enfatizamos el sentido que la categoría de totalidad asume en el materialismo histórico-dialéctico y su importancia en la construcción de un conocimiento que supere la perspectiva instrumental y utilitarista de la ciencia.

Introdução

A denominada ‘agenda pós-moderna’¹, em sua tentativa de superar os possíveis limites das perspectivas marxista e estruturalista, tem influenciado as pesquisas em educação a aderirem a um relativismo ontológico e um pragmatismo epistemológico que, segundo os estudos que temos realizado, tendem a promover prejuízos significativos à pesquisa científica. Entre as diversas abordagens da agenda pós-moderna, a ruptura com a categoria de totalidade é um aspecto muito comum. Ao procurarem romper com a perspectiva determinista que predominou nas abordagens estruturalistas, os estudos da agenda pós-moderna tendem a adotar uma relativização exacerbada dos objetos e resultados das pesquisas em educação e, assim, excluem a possibilidade de um conhecimento que contribua para uma compreensão do conjunto da realidade educacional.

Por outro lado, as diferentes pesquisas da agenda pós-moderna expuseram os limites das abordagens que negligenciam ou secundarizam a ação do sujeito social, especialmente pelo fato de não permitirem a compreensão da complexidade da realidade analisada e suas possibilidades de transformação. Ao atentarem para esse aspecto, os estudos resultantes das abordagens da agenda pós-moderna, contribuíram significativamente para a visibilidade de questões identitárias como de gênero, raça, etnia, entre outras que nem sempre estiveram contempladas em pesquisas que adotam a totalidade como uma categoria central. Entretanto, observamos que ao desconsiderar as relações e determinantes mais gerais das problemáticas que abordam, essas pesquisas, de modo geral, acabam se reduzindo a um localismo que pretende explicar a especificidade a partir da própria especificidade, além de, em certos casos, se limitarem a um imediatismo na abordagem do real o que, segundo as investigações que temos realizado, não possibilita um real conhecimento sobre o que se investiga e tão pouco transgride os códigos culturais do capitalismo.

Com base nos estudos realizados pelo nosso grupo de pesquisa nos últimos nove anos, no presente artigo, indicamos os principais limites impostos pelas opções epistemológicas da agenda pós-moderna para a produção do conhecimento científico e algumas de suas implicações no campo da luta social. Então, este artigo é resultado dos estudos de revisão bibliográfica (TRIVIÑOS, 1987) sobre as diferentes abordagens teóricas e metodológicas adotadas nas pesquisas da área de educação nas últimas décadas.

Em um primeiro momento, expusemos algumas das principais críticas que a agenda pós-moderna apresenta, especialmente em relação à categoria de totalidade. Em seguida, retomamos o sentido dessa categoria na obra de Marx. Por fim, a partir da crítica à ruptura epistemológica com a categoria de totalidade promovida pela agenda pós-moderna, procuramos enfatizar a importância do materialismo histórico dialético como referencial teórico, como método e como práxis na pesquisa em educação.

As críticas da agenda pós-moderna e a ruptura com a categoria de totalidade nas pesquisas em educação

Como uma resposta aos totalitarismos nazista, fascista e stalinista, as abordagens vinculadas à agenda pós-moderna buscam no campo teórico e epistemológico espaços de ruptura com a perspectiva marxista e estruturalista de produção do conhecimento. Entre as inúmeras críticas apresentadas às perspectivas marxista e estruturalista, a ruptura com a categoria de totalidade é um aspecto comum em diferentes abordagens que compõem a agenda pós-moderna.

De modo geral, as críticas partem da constatação de que a razão difundida pela perspectiva moderna de ciência, na qual se situariam o marxismo e o estruturalismo, negligenciam ou secundarizam o papel da ação do sujeito. Com isso, teriam fracassado no seu papel de ampliar a autonomia humana e contribuído para uma progressiva opressão dos sujeitos por meio da imposição de uma lógica instrumental que normatiza, legitima, administra e controla as liberdades de forma racional.

No lugar dos grandes temas abordados pela ciência moderna, como o progresso, a revolução e a verdade, os pós-modernos passam a valorizar o particular, as pequenas narrativas e o efêmero. Chauí (1993, p. 22-23) apresenta uma síntese da perspectiva pós-moderna, a seguir:

Categorias gerais como universalidade, necessidade, objetividade, finalidade, contradição, ideologia, verdade são consideradas mitos de uma razão etnocêntrica, repressiva e totalitária. Em seu lugar, colocam-se o espaço-tempo fragmentados, reunificados tecnicamente pelas telecomunicações e informações; a diferença, a alteridade; os micropoderes disciplinadores, a subjetividade narcísica, a contingência, o acaso, a descontinuidade e o privilégio do universo privado e íntimo sobre o universo público. O mercado da moda, do efêmero e do descartável. [...] O espaço é a sucessão de imagens fragmentadas; o tempo, pura velocidade dispersa.

A partir da afirmativa de que a dispersão e fragmentação são as características centrais da época atual, as perspectivas pós-modernas optam pela análise de problemas localizados e rejeitam a possibilidade de grandes sínteses, pois afirmam que qualquer busca de leis gerais presume um esquematismo pré-definido com o qual se deve romper.

Apenas para dar um exemplo da crítica pós-moderna à perspectiva de totalidade na análise da realidade concreta, além de outros temas de grande valor para a modernidade, na abertura da 12ª edição da obra *A condição pós-moderna*, de Lyotard, Barbosa (2009, p. VIII), em texto de 1988, faz referência à crise de determinados conceitos caros à modernidade, aduzindo o que segue:

Desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna, vem ocorrendo não apenas a crise de conceitos caros ao pensamento moderno, tais como “razão”, “sujeito”, “totalidade”, “verdade”, “progresso”. Constatamos que ao lado dessa crise opera-se, sobretudo a busca de novos enquadramentos teóricos (“aumento da potência”, “eficácia”, “otimização das performances do sistema”) legitimadores da produção científico-tecnológica numa era que se quer pós-industrial. O pós-moderno, enquanto condição de cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade

perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. (BARBOSA, 2009, p. VIII).

Com efeito, a crítica pós-moderna aos conceitos de “razão”, “sujeito”, “totalidade”, “verdade” e “progresso”, dentre outros aspectos relevantes à modernidade, taxando-os, dentre outras adjetivações, de “metadiscurso filosófico-metafísicos” e dando ênfase a conceitos como “aumento de potência”, “eficácia”, “otimização das reformas do sistema”; é reducionista e, como tal, “reduz a potência” (com a devida escusa pela ironia) de qualquer análise profunda da realidade objetiva, cuja realidade, diga-se de passagem, e não “realidades objetivas”, como se costuma afirmar nesses tempos de fragmentação, de subjetivismo, por vezes solipsista, de relativismo ontológico e de pragmatismo epistemológico.

A análise particularizada, fragmentada, imediatista e localizada de “realidades objetivas” fragmenta ainda mais o conhecimento, não contribuindo para a construção de uma práxis emancipatória em uma dimensão macro. Ademais, esse reducionismo no campo de análise em nada (ou pouco) contribui para a construção de táticas e estratégias visando à transformação da realidade, até porque, para os “pós”, em geral, a utopia, em uma dimensão universal é inviável. É claro que tal perspectiva se justifica no âmbito da “agenda pós-moderna”, considerando-se a desimportância de qualquer tentativa contra-hegemônica em dimensão macro.

A crítica pós-moderna contenta-se com soluções efêmeras para embates específicos e localizados, como se não existissem determinações gerais para as questões particulares que combatem. Destarte, no campo da pesquisa em educação vive-se uma espécie de “crônica de um mundo em pedaços”, em uma fuga “[...] à análise teoricamente fundamentada e politicamente consistente dos princípios presentes em suas ações” (DUARTE, 2006, p. 80). Lançando mão a uma metáfora, pode-se dizer que a análise dos “pós” abandona a figura do tradicional “quebra-cabeça” concluído em sua totalidade, focalizando apenas em cada peça isolada do jogo.

Podemos observar um exemplo da influência que as opções epistemológicas da agenda pós-moderna apresentam para o campo das lutas sociais no fato de que, de modo geral, grande parte das críticas que intelectuais e educadores apresentam sobre a atual crise política e econômica que atinge a educação no Brasil, são pontuais, resumem-se ao seu espaço de atuação e não remontam a relação que esse espaço apresenta com o conjunto das demais esferas sociais também atingidas pela crise. Desse modo, não contribuem para identificar os determinantes do processo de crise, aqueles que estão na sua essência e que, para serem compreendidos, exigem a análise das relações que expressam sua totalidade. Limitam-se, portanto, a um conjunto de narrativas, ao mundo da pseudoconcreticidade.

Assim, entendemos que ao romper com a categoria de totalidade no campo teórico e epistemológico, as perspectivas pós-modernas, além de inviabilizarem uma análise fidedigna tanto do todo quanto das particularidades, conforme apresentaremos no item a seguir, rompem também com a perspectiva de superação da sociedade de classes que produz e reproduz a razão instrumental da ciência.

A categoria de totalidade e a investigação científica no materialismo histórico dialético

“Ver as árvores e não perceber a floresta é uma forma equivocada de perceber a realidade”.

A totalidade (a floresta) é sempre muito mais rica que a soma das partes, as árvores que a compõe.

(Caio Prado Júnior, apud Rummert, 2014).

A epígrafe de Caio Prado Júnior apud Rummert (2014) foi escolhida como metáfora para abordar a categoria de totalidade, que é fundamental para as pesquisas que adotam por perspectiva teórico-metodológica o Materialismo Histórico Dialético. Caio Prado Jr. nos coloca a reflexão do universal e particular, uma questão latente dos dias atuais – o localismo exacerbado, tão exaltado pela “agenda pós-moderna”. O autor nos chama a atenção, para o fato de que na euforia “em ver as somente às árvores” ficamos impedidos de enxergar “a floresta”. Nas últimas décadas, parte significativa das pesquisas em educação optam por ‘mirar apenas as árvores’ (análise parcial e fragmentada da realidade, - o localismo). Neste sentido o autor Cheptulin (1982) contribui com o debate na medida em que articula parte e todo na forma global da totalidade.

É exatamente nessa forma global, nessa totalidade, que o conteúdo se relaciona com a forma. Mas, à medida que se dá o desenvolvimento do conhecimento do objeto, a característica global de seu conteúdo tornar-se insuficiente e um estudo mais detalhado dos diferentes momentos do conteúdo, assim como dos processos e relações que os constituem, tornam-se necessário. O conteúdo decompõe-se em partes qualitativamente isoladas, e a análise dessas partes conduz a necessidade de colocar em evidência as leis de sua correlação mútua com o todo. Essas leis da correlação das partes isoladas, com o todo que as contém, refletem-se nas categorias de “todo” e “parte”; as leis de correlação das partes entre elas, no quadro do todo, refletem-se nas categorias de “elementos” e de “estrutura”. (CHEPTULIN, 1982, p.270).

Em nossa pesquisa de cunho bibliográfico procuramos identificar o sentido que a categoria totalidade apresenta na obra de Marx e a centralidade que assume em seu método de investigação. Marx dedicou poucos escritos à explicitação de seu método, mas ao longo de sua obra apresentou os princípios e concepções de realidade, sujeito e conhecimento que nortearam seus estudos e paralelamente à sua investigação foi aprimorando seu método de apreensão da realidade. O sentido da categoria totalidade em sua obra, somente pode ser apreendido a partir de sua perspectiva teórico-metodológica, que se convencionou denominar por Materialismo Histórico Dialético². Cheptulin (1982, p. 1) anuncia:

O materialismo dialético estuda as formas gerais do ser, os aspectos e os laços gerais da realidade, as leis do reflexo desta última na consciência dos homens. As formas essenciais da interpretação filosófica, do reflexo das propriedades e das conexões universais da realidade e das leis do funcionamento e do desenvolvimento do conhecimento são categorias e leis da dialética.

No mesmo sentido da exposição de Cheptulin (1982), Marx diz (1983) que a investigação científica deve ter como objetivo conhecer as leis que orientam o movimento, desenvolvimento e transformação do objeto de estudo, em seu caso o sistema capitalista. No posfácio à segunda edição alemã (1872) do primeiro volume de ‘O Capital’, Marx (1983, p. 100 e 101) utiliza a citação de um crítico de sua obra para expor uma síntese de seu método,

Para Marx uma só coisa é importante: encontrar a lei dos fenômenos, de cuja investigação ele se ocupa. E, para ele, é importante não apenas a lei que os rege na medida em que eles têm uma forma acabada e permanecem numa conexão, tal como é observada num dado período de tempo. Para ele, é ainda acima de tudo importante a lei da sua mudança, do seu desenvolvimento, isto é, da passagem de uma forma à outra, de uma ordem de conexão à outra. Uma vez descoberta esta lei, investiga em pormenor as consequências por que se dá a conhecer na vida social... Por consequência, Marx esforça-se por uma só coisa: por demonstrar, através de uma investigação científica rigorosa, a necessidade de determinadas ordens das relações sociais e por constatar, tão irrepreensivelmente quanto possível, os factos que lhe servem de ponto de partida e de apoio. Para isso é perfeitamente suficiente que ele, com a necessidade da ordem presente, demonstre ao mesmo tempo, a necessidade de uma outra ordem, a que a primeira inevitavelmente tem de passar, sendo totalmente indiferente que os homens acreditem, estejam conscientes dela ou não estejam conscientes.

Segundo Marx (1983), a exposição citada resume seu método e a aplicação do mesmo em sua obra. Afirma, ainda, que seu método não é apenas diverso do método de Hegel, mas o seu direto oposto. Neste sentido, diz textualmente:

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado (MARX, 2010, p. 28).

Em ‘Contribuição à Crítica da Economia Política (1859)’, obra na qual Marx (2008) distingue o método de investigação do método de exposição, destaca que no processo de investigação se parte de uma representação caótica do todo, entretanto, analiticamente se avança para abstrações cada vez mais tênues até chegar às determinações mais simples do objeto. O momento seguinte seria o retorno ao ponto de partida, agora não mais como uma representação caótica do todo, mas como uma rica totalidade de determinações e relações diversas. Conforme sinaliza Kosik,

Marx emprega a dialética do fenômeno e da essência na análise da troca simples e capitalista das mercadorias. O fenômeno mais elementar e o mais banal da vida cotidiana da sociedade capitalista – a simples troca das mercadorias – na quais homens agem como simples compradores e vendedores, num exame posterior demonstra ser uma aparência superficial, determinada e mediada por profundos e essenciais processos da sociedade capitalista, isto é pela existência do trabalho mercenário e a exploração deste. [...] a realidade é compreendida concretamente, isto é, como totalidade concreta, ao passo que a

hipóstase do aspecto fenomênico determina uma visão abstrata e conduz à apologética. (KOSIK, 2011, p. 63-64).

Marx (2008, p. 256 e 257) considerava esse como o método cientificamente correto, uma vez que “O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação.” Desse modo, segundo Marx (2008), as determinações abstratas, as primeiras determinações do objeto que se manifestam ao sujeito, conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento.

Kosik (2011) afirma que para o materialismo histórico o processo de conhecer ocorre a partir da eliminação da pseudoconcreticidade com que os fenômenos se apresentam em um primeiro momento, ou seja, sua pretensa independência que não revela seu caráter derivado e mediado. Quando se descobre a natureza da realidade social, sua essência, a partir das múltiplas relações entre suas partes e destas com o todo, é que se avança no sentido da compreensão de sua totalidade e de sua concreticidade. O objetivo da investigação deve ser atingir a concreticidade do fenômeno. Trata-se de um processo que visa ascender do abstrato ao concreto, em um movimento que vai “[...] da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto.” (KOSIK, 2011, p. 36 e 37).

Neste sentido, no que concerne à totalidade, diz, ainda:

A posição da totalidade, que compreende a realidade nas suas íntimas leis e revela, sob a superfície da causalidade dos fenômenos, as conexões internas, necessárias, coloca-se em antítese à posição do empirismo, que considera as manifestações fenomênicas e causais, não chegando a atingir a compreensão dos processos evolutivos da realidade. Do ponto de vista da totalidade, compreende-se a dialética da lei e causalidade dos fenômenos, da essência interna e dos aspectos fenomênicos da realidade, das partes e do todo, do produto e da produção e assim por diante. (KOSIK, 2011, p. 37).

Ao analisar o modo de produção no sistema capitalista, Marx (2008, p. 235 e 236) enfatiza que a determinação mais geral, embora necessária, é uma abstração

Quando se trata, pois, de produção, trata-se da produção em um grau determinado do desenvolvimento social, da produção de indivíduos sociais. [...] Todavia, todas as épocas da produção possuem certos traços característicos em comum, determinações comuns. A produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, pelo fato de que põe realmente em relevo e fixa o caráter comum, poupando-nos, portanto, as repetições. Esse caráter geral, entretanto, ou esse elemento comum, discriminado pela comparação, está organizado de uma maneira complexa e diverge em diversas determinações. Alguns desses elementos pertencem a todas as épocas; outros são comuns a algumas delas.

Conforme é possível observar, segundo Marx (2008) para se conceber o objeto de estudos de maneira geral, no seu caso como ‘a produção em geral’, é preciso recorrer aos seus traços comuns,

entretanto para compreender as leis de seu desenvolvimento é preciso adentrar os elementos que diferenciam o objeto e suas determinações específicas.

Além disso, Marx (2008) enfatiza que é preciso considerar que a produção, assim como qualquer outro objeto de estudo, não é apenas produção geral ou tão somente produção particular, mas um corpo social, um sujeito social, que exerce sua atividade em uma totalidade maior ou menor de ramos da produção. “Em resumo: todos os graus de produção possuem em comum certas determinações que o pensamento generaliza; mas as chamadas condições gerais de toda a produção não são outra coisa senão esses momentos abstratos, os quais não explicam nenhum grau histórico real da produção.” (MARX, 2008, p. 242).

A separação das determinações gerais do objeto e suas determinações específicas é etapa necessária no processo de conhecer, a qual requer o reconhecimento do caráter histórico das determinações específicas. Assim, como uma das etapas de apreensão do objeto, é preciso que este seja separado em suas partes constituintes, pois como destaca Kosik (2011, p. 57) “O homem não pode conhecer o contexto do real a não ser arrancando os fatos do contexto, isolando-os e tornando-os relativamente independentes. Eis aqui o fundamento de todo o conhecimento: a cisão do todo.”.

Entretanto, isso não significa negar a relação entre as partes do objeto, e das partes com o todo, pois essa é apenas uma etapa necessária no processo de conhecer. Diferentemente da perspectiva reducionista que caracteriza várias das abordagens incluídas na agenda pós-moderna, o Materialismo Histórico Dialético não considera esse o momento final ou principal do conhecimento. Para se atingir a compreensão do fenômeno em si, ou seja, sua essência, é preciso considerá-lo como parte de um todo, quer dizer, seu caráter mediado e mediador, como salienta Kosik (2011, p. 49):

Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função dupla, a única capaz de dele efetivamente fazer um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais. Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio.

A conexão e a mediação entre a parte e o todo são apontadas por Marx (2008, p. 255) ao analisar a relação de identidade e exclusão entre os processos de produção, distribuição, troca e consumo. Segundo ele, “O resultado a que chegamos não é que a produção, a distribuição, a troca e o consumo, são idênticos, mas que todos eles são membros de uma totalidade, diferenças em uma unidade.” Para Marx (2008) ocorre uma reciprocidade de ação entre os diferentes momentos, o que serve dizer para qualquer todo orgânico.

Desse modo, o avanço para a concreticidade ocorre ao reestabelecer a conexão, a mediação entre as partes e o todo, voltando-se assim para a totalidade como um todo estruturado e dialético, possível de ser

compreendido racionalmente. Conforme Marx (2008) é possível observar, na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético, a totalidade concreta, somente pode ser alcançada a partir da relação do objeto de estudo com sua história e sua realidade concreta. Isso não significa ter como objetivo a apreensão de toda a realidade, o que é impossível ao pensamento humano, mas sim, apreender o conjunto de aspectos e fatos que constituem o objeto como algo significativo, as relações essenciais que o formam e que, portanto, o explicam.

Cabe destacar, também, que não se trata da produção de um conhecimento ‘universalizante’, no sentido de objetivar um conhecimento atemporal que sirva para os diferentes contextos sociais e que se imponha independente e indiscriminadamente à ação dos sujeitos. No materialismo histórico dialético a totalidade somente pode ser compreendida por meio da apreensão do movimento da *contradição dialética* que constitui a realidade e que não exclui a ação do sujeito, mas que compreende seu caráter mediado e mediador. Sob este aspecto Kosik (2011) destaca:

A dialética da totalidade concreta não é um método que pretende ingenuamente conhecer todos os aspectos da realidade, sem exceções, e oferecer um quadro ‘total’ da realidade, na infinidade dos seus aspectos e propriedades. A totalidade concreta não é um método para captar e exaurir todos os aspectos, caracteres, propriedades, relações e processos da realidade; é a teoria da realidade como totalidade concreta. (KOSIK, 2011, p. 238).

Em síntese, podemos afirmar que a totalidade se constitui a partir da rede de relações essenciais e secundárias que atribuem sentido ao objeto e ao mesmo tempo, constitui uma unidade concreta com conteúdo contraditório e em movimento e, portanto, é histórica e transitória. Ao considerar esse movimento contraditório de forma dialética, a categoria de totalidade na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético não configura como uma representação formal do real no pensamento, mas sim a reprodução mental do objeto realmente existente com suas relações contraditórias e dinâmicas. Ao negar o aspecto dialético da categoria de totalidade, diferentes correntes de pensamento presentes na agenda pós-moderna apresentam uma concepção distorcida da mesma e por vezes a reduzem à perspectiva totalizante e universalizante do estruturalismo.

Para o Materialismo Histórico Dialético é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, do mesmo modo que não é possível conhecer o todo sem recorrer ao conhecimento das partes, isso porque são as relações fundamentais entre parte e todo que lhe conferem significado, portanto, o conhecimento somente é possível na apreensão dessas relações que, vale lembrar, são dinâmicas, dialéticas e contraditórias. Assim, é possível afirmar que conhecer o objeto significa apreender suas relações dialéticas essenciais, suas contradições, o que equivale dizer, sua totalidade.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados sobre a categoria de totalidade na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético constatamos que são inapropriadas muitas das justificativas que as perspectivas pós-modernas apresentam ao romper com essa categoria no campo epistemológico. Concordamos com as críticas de que as epistemologias que se orientam por uma perspectiva moderna de ciência até então têm produzido, principalmente, um conhecimento instrumental, utilitarista que tem esgotado os recursos naturais e levado a uma progressiva submissão dos sujeitos à ordem social capitalista.

No entanto, entendemos que esse uso atribuído ao conhecimento e à demanda de sua produção, tem origem na forma como o modo de produção capitalista se constitui, incluindo tudo na lógica da produção de mercadorias. Não concordamos que esse seja um limite imposto pela racionalidade do conhecimento científico em geral, mas sim pelo modo como a produção do conhecimento é demandada e absorvida pelo sistema social capitalista, pela racionalidade que lhe é imposta pelo modo de produção.

A centralidade da categoria de totalidade no método marxiano está relacionada aos pressupostos da filosofia social de Marx, que se baseia na sua concepção de conhecimento, de sujeito e de materialidade. Assim, entendemos que o Materialismo Histórico Dialético é o método que insere a produção do conhecimento em uma perspectiva de superação da forma como a ciência vem sendo produzida e utilizada no modo de produção capitalista. O conhecimento racional da totalidade concreta é fundamental para o rompimento com a consciência ingênua e para o desenvolvimento de uma práxis criativa³ “que ultrapassa a natureza inorgânica e estabelece sua relação com o mundo como totalidade.” (CHEPTULIN, 2011, p. 227), conforme procuramos demonstrar ao longo do artigo.

Assim, analisamos que as perspectivas pós-modernas não estão contribuindo para a superação dos limites que observam em relação à ciência moderna. Ao contrário, essas perspectivas têm se limitado a desenvolver pesquisas que, não raras vezes descritivas, se limitam a constatar o que está dado e o que é perceptível de forma mais imediata, sem ambicionar uma compreensão mais aprofundada do real e por isso permitem-se romper com a categoria de totalidade em suas abordagens teórico-epistemológicas. Ao tornarem fragmentadas, remotas ou até mesmo supérfluas as possibilidades de um conhecimento que contribua para a superação do sistema social, as pesquisas que partem da perspectiva da agenda pós-moderna, pouco ou nada contribuem para a superação dos aspectos apontados ou criticados pela mesma, sobretudo porque a pós-modernidade abandona a utopia, em sua dimensão mediata, adotando-a, apenas, em sua perspectiva imediata.

Com isso, de modo geral, estão limitadas a produzir um conhecimento fragmentado, confuso no que se refere à perspectiva política e ideológica na qual se insere e que contribui para a fragmentação dos grupos organizados no campo das lutas sociais, configurando a falta de unidade e de horizonte político nas diferentes formas de resistência, como podemos constatar na atualidade do contexto brasileiro. Desse modo,

além dos limites impostos à produção do conhecimento científico, observamos que as opções epistemológicas da agenda pós-moderna apresentam implicações, também, no campo da luta social.

Com base nos estudos que temos realizado sobre as diferentes abordagens teórico-metodológicas nas pesquisas em educação, constatamos que o conhecimento científico pode ser um elemento importante para a emancipação humana, mas que ao romper com o seu objetivo de atingir a totalidade concreta, essa possibilidade torna-se inatingível, conforme procuramos demonstrar ao longo do artigo.

Notas

¹ Utilizamos ao longo do artigo a categoria de agenda pós-moderna no sentido atribuído por Wood (1996) e por Moraes (2013). Segundo as autoras, inclui-se na agenda pós-moderna correntes de pensamento como o pós-estruturalismo, o neopragmatismo, o multiculturalismo, o construcionismo social e o pós-colonialismo, dentre outras. Embora suas teorias e epistemologias não expressem um corpo conceitual unificado e por vezes apresentem até divergências entre si, aproximam-se pelas críticas que apresentam em relação à ciência moderna constituindo uma agenda comum, conforme explicitamos no texto.

² Essa denominação não foi dada por Marx e Engels, mas passou a ser utilizada por alguns dos militantes e estudiosos do marxismo que sintetizaram sua perspectiva teórico-metodológica.

³ Ver em Vázquez. 2007.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Vocação Política e Vocação Científica da Universidade**. Brasília: MEC/CRUB, 15(31), 2º semestre, 1993.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista: categorias e Leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o Aprender a Aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria Vigotskiana**. Campinas: Autores Associado, 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna** / Jean-François Lyotard; tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. livro I, v. 1, 27ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____, Karl. ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1983.

_____, Karl. **Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel** – Introdução. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MORAES, M. C. M. **O renovado conservadorismo da agenda Pós-moderna**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 337-357, maio/ago. 2004.

PRADO JÚNIOR, Caio. Apud RUMMERT, Sonia. Mundo do trabalho e os desafios da educação dos trabalhadores urbanos. In: **Educação do Campo: campo e cidade buscando caminhos comuns**. Pelotas, Editora Ufpel, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. 1. ed, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão popular, BrasiL, 2007.

WOOD, Ellen Meiksins. **Em defesa da História: o marxismo e a agenda pós-moderna**. Crítica Marxista, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.118-127.